



## Pessoas sem religião com crença: A urbanização e a fragilização da herança religiosa

### *People no religion with belief: Urbanization and fragilization of the religious heritage*

Claudia Danielle de Andrade Ritz\*

**Resumo:** O fenômeno dos sem religião, representado pela designação sem religião, ocupa o terceiro maior percentual de identificação religiosa no Brasil. No Censo 2010, as pessoas sem religião representavam 8,04%, percentual correspondente a mais de 15 milhões de indivíduos. O escopo deste artigo são as pessoas sem religião sem religião, os quais designamos por sem religião com crença. O nosso objetivo é abalzar alguns indícios de fragilização da herança religiosa que repercutem no fenômeno dos sem religião. Para tanto, abordamos a urbanização como um aspecto que contribuiu para a fragilização da herança religiosa, porque favoreceu a recomposição da memória coletiva e dinamizou a reconfiguração das identidades por meio das mobilidades e deslocamentos. Outrossim, despontamos a precarização da transmissão da tradição, cooperando com a recomposição da memória religiosa, com a reconfiguração da identificação religiosa. Por fim, apresentamos alguns dados e análises da pesquisa de campo realizada com discentes da graduação e discentes da pós-graduação em ciências da religião da PUC Minas, mostrando os indícios de fragilização da herança religiosa e a recomposição da memória naquelas pessoas sem religião com crença. A metodologia utilizada foi mista, composta por referencial teórico e pesquisa de campo, mediante questionário estruturado digital. Concluímos, de acordo com os dados da pesquisa de campo, que a urbanização contribuiu para a fragilização da herança religiosa, que houve precarização da transmissão e recomposição da memória religiosa. Destarte, evidenciamos a ocorrência de remodelações nos vínculos sociais e religiosos, os quais se manifestam na identificação religiosa que aduz a ausência da religião e a conservação de crença, na individualização da crença e na desinstitucionalização, como traços identificados nas pessoas sem religião com crença.

**Palavras-chave:** Fenômeno dos sem religião. Urbanização. Fragilização da herança religiosa. Memória e Identidade. Individualização e Desinstitucionalização. Sem religião com crença.

**Abstract:** The phenomenon of those without religion, represented by the designation without religion, occupies the third highest percentage of religious identification in Brazil. In the 2010 Census, people with no religion represented 8.04%, corresponding to more than 15 million individuals. The scope of this article is people without religion without religion, which we designate as without religion with belief. Our objective is to highlight some signs of weakening of the religious heritage that have repercussions on the phenomenon of the non-religious. To this end, we approach urbanization as an aspect that contributed to the weakening of the religious heritage, because it favored the recomposition of collective memory and dynamized the reconfiguration of identities through mobility and displacement. Furthermore, we point out the weakness of the transmission of tradition, cooperating with the recomposition of religious memory, with the reconfiguration of religious identification. Finally, we present some data and analysis of the field research carried out with undergraduate students and postgraduate students in Sciences of Religion at PUC Minas, showing the signs of weakening of the religious heritage and the recomposition of memory in those people without religion who believe. The methodology used was mixed, consisting of a theoretical framework and field research, using a structured digital questionnaire. We conclude, according to the data from the field research, that urbanization contributed to the weakening of the religious

---

\* Doutora em Ciências da Religião (PUC-Minas Belo Horizonte-MG). Doutora em Estudos da Religião (UCP, Portugal). ORCID: 0000-0002-1779-2329 – contato: [claudiaritz7@gmail.com](mailto:claudiaritz7@gmail.com)

heritage, that there was precariousness in the transmission and recomposition of religious memory. Thus, we evidence the occurrence of remodeling in social and religious bonds, which manifest in the religious identification that exposes the absence of religion and the conservation of belief, in the individualization of belief and in the deinstitutionalization, as features of people without religion with belief.

**Keywords:** Phenomenon of the non-religious. Urbanization. Weakening of the religious heritage. Memory and Identity. Individualization and deinstitutionalization. No religion with belief.

## Introdução

Este artigo é parte da pesquisa de doutorado sobre as pessoas autodeclaradas no Censo 2010 como “sem religião sem religião”, ora designadas em nosso estudo como “sem religião com crença”. O grupo dos sem religião no Censo é composto por três subgrupos: os agnósticos – 0,87%, os ateus – 3,98% e os sem religião sem religião – 95,17%. Partimos do dinamismo das identidades proporcionado pela modernidade. A identidade religiosa é parte da identidade pessoal do indivíduo. Ocorre que o indivíduo moderno, exercendo maior autonomia e pautado por acentuado individualismo, promoveu reconfigurações identitárias importantes, o que inclui o campo religioso e a identidade religiosa. Nesse contexto, a urbanização contribuiu para que as remodelações propiciadas pelas mobilidades fossem aceleradas; não apenas as identidades foram reconfiguradas, como a memória coletiva foi recomposta.

Esses são aspectos que consideramos inerentes ao processo que designamos em nosso estudo como fragilização da herança religiosa. As identidades herdadas, transmitidas por meio da transmissão da tradição, são postas sob o crivo do indivíduo que tende a fazer escolhas não em razão da tradição, mas privilegiando a afeição pessoal. Logo, a continuidade da tradição é relativizada.

Um dos grandes desafios para as sociedades de conhecimento, tecnológicas e também para as instituições, é ser capaz de vencer a predisposição ao esquecimento e permanecer como parte da memória. Esse é um desafio amplo, porque o é para a sociedade, para as instituições, para as crenças e para as pessoas. Assim, neste artigo, o nosso intuito é apresentar alguns dados e análises que sugerem indícios de fragilização da herança religiosa; a urbanização no Brasil, neste contexto, é posta como uma contribuição importante, especialmente refletida sob o prisma do fenômeno dos sem religião.

A metodologia utilizada foi exploratória, quantitativa<sup>1</sup> e qualitativa, (Creswell; Clark, 2011), com predominância qualitativa, abrangendo pesquisas bibliográfica e de campo, mediante aplicação de questionário estruturado digital (Marconi; Lakatos, 2012), contendo 40 questões, a jovens universitários da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, que são discentes da graduação matriculados na disciplina de Cultura Religiosa e discentes pesquisadores da pós-graduação em ciências da religião. A participação foi

---

1 A pesquisa quantitativa neste estudo se refere, sobretudo, ao questionamento de determinado público em busca de dados numéricos para validar hipótese. Muito embora o quantitativo numérico não seja uma amostragem probabilística, ele nos permite notar e ponderar qualitativamente o fenômeno dos sem religião, no que se refere a uma melhor compreensão.

facultativa<sup>2</sup>, voluntária e gratuita. Contamos com (75a)<sup>3</sup> participantes, equivalentes a 100% da nossa amostragem que não foi probabilística, ou seja, não representativa estatisticamente e contemplou determinado grupo de indivíduos, como aduz Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2012, p. 42). A pesquisa de campo (Marconi; Lakatos, 2012) transcorreu com a juventude urbana e universitária, que se identificou como “eu sou sem religião, mas tenho crenças religiosas”, correspondente a 23% (17a) dos participantes. Destarte, refletiremos primeiramente sobre a urbanização como contributo para a fragilização da herança religiosa, porque é uma ensejadora da recomposição da memória religiosa.

### **A urbanização como contributo para a fragilização da herança religiosa**

Observando os modos de vida produzidos pela modernidade em cada contexto cultural e histórico em que se insere (Eisenstadt, 1996), tratamos da urbanização do Brasil no século XX (Santos, 1993) como um contributo importante no processo de fragilização da herança religiosa. Isso porque a urbanização não promoveu apenas a mudança de espaço, como também a recomposição da memória religiosa e dinamizou a reconfiguração identitária dos indivíduos. A urbanização, no contexto moderno, ressaltou a autonomia do indivíduo, propiciando a erosão e a pluralização das práticas religiosas, beneficiando a individualização das crenças e a desinstitucionalização.

A mobilidade humana é um fenômeno geográfico, histórico, antropológico, sociológico e político – e poderíamos citar outros, cuja ressonância na cultura e nas identidades é significativa. A urbanização foi uma propulsora da mobilidade. Tanto no contexto de escala global e local, temos o “desenraizamento e relativização cultural, porque aquelas zonas francas onde as culturas se tocam promovem, não sem conflitos, novos desenhos multiculturais na geografia humana” (Teixeira, 2004, p. 86). As mobilidades decorrentes dos deslocamentos populacionais e de circulação de comunicação global favorecem o encontro de culturas, e a temática da identidade<sup>4</sup> é posta em pauta, juntamente com a memória.

As motivações para os deslocamentos populacionais são variadas, mas a questão da recessão ou precariedade econômica é frequentemente um ensejador de mobilidade humana, favorecendo a deslocação em direção às periferias e precarizações sociais. Nas periferias, o anonimato é reforçado pelo deslocamento potencializado em razão da residência não ser, reiteradamente, de propriedade da pessoa, mas alugada. As instabilidades socioeconômicas, os deslocamentos contínuos e a ampla oferta de locais de cultos religiosos, em não raras circunstâncias, pululam nessas localidades.

Na pesquisa de José Álvaro Campos Vieira (2020) sobre os sem religião, realizada em uma região de periferia e com significativo índice de pobreza econômica em Belo

2 Pesquisa aprovada: CAAE: 24706819.4.0000.5137, mediante o Parecer Consubstanciado do CEP: n.: 3.717.358 expedido em 21 de novembro de 2019 e emenda para conversão em questionário digital em razão da pandemia da Covid-19 aprovada pelo comitê de ética da PUC Minas mediante o Parecer Consubstanciado do CEP n.: 4.264.447, expedido em 08 de setembro de 2020.

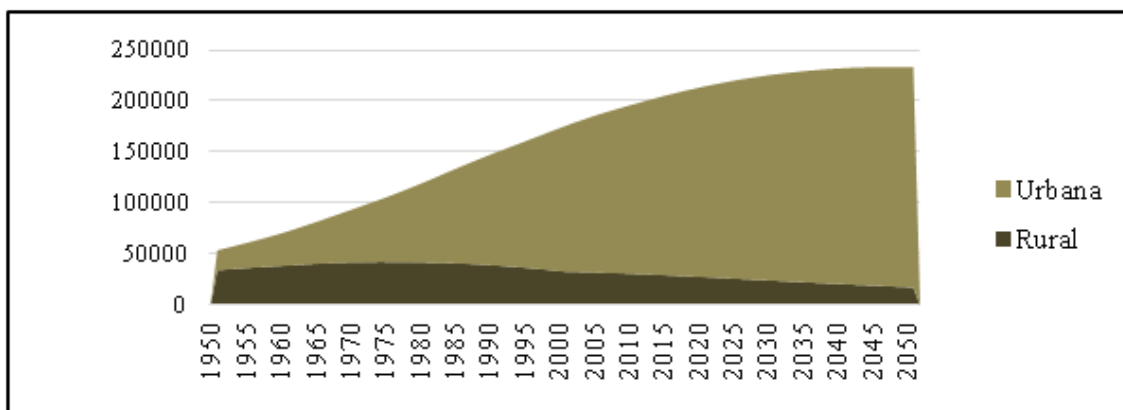
3 A designação (75a), corresponde ao número absoluto (a) de participantes.

4 Conforme Marc Augé (1998), a identidade cultural é constantemente imaginada e construída.

Horizonte, somos noticiados do superpovoamento de pequenas igrejas na região, não obstante seja a localidade com maior concentração de pessoas sem religião de Belo Horizonte, conforme o Censo 2010. É possível que a tradição, para as pessoas mais jovens dessas localidades, não seja referenciada fortemente pela tradição conhecida e reconhecida pelos seus antepassados – que se inseriam na ordenação espacial campestre, cuja igreja católica estava no centro. “Durante séculos, o Brasil como um todo é um país agrário. [...] O dinamismo da nossa história vem do campo” (Santos, 1993, p. 17).

De fato, o ambiente rural era o espaço que subsidiava as memórias relacionadas com a tradição transmitida, inclusa a religiosa. A configuração espacial com a igreja no centro da praça e da vida da sociedade campestre referenciava a tradição, sobretudo a católica (Ritz, 2023). No gráfico a seguir, é possível observar o avanço da urbanização no Brasil. Notadamente, nas décadas de 1980 e 1990, há acentuados marcos de avanço urbano no Brasil.

**Gráfico 1 – População urbana e rural, Brasil (1950-2050)**



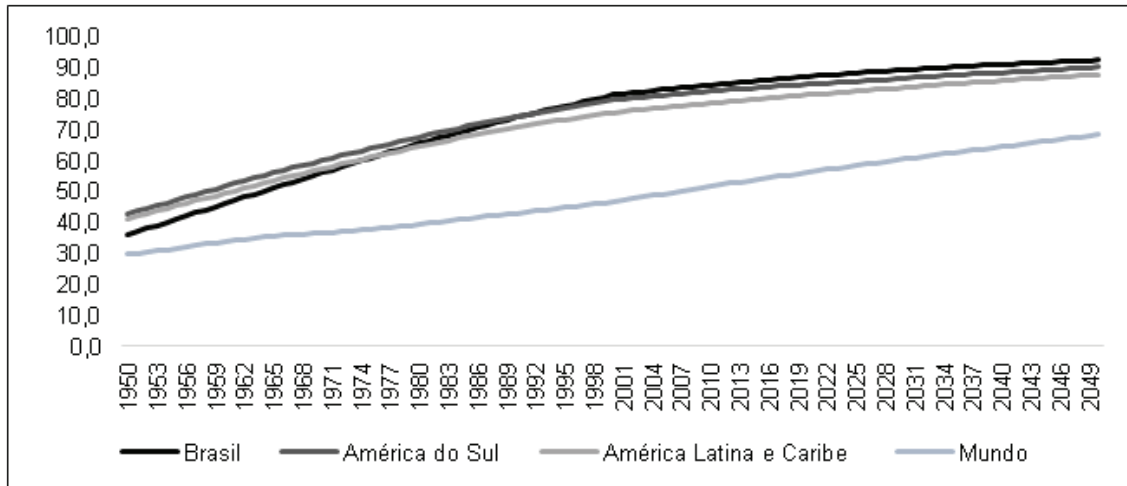
Fonte: ONU, 2018.

Milton Santos (1993, p. 9) explica que “a urbanização brasileira se tornou praticamente generalizada a partir do terceiro terço do século XX. [...] A urbanização se avoluma e a residência dos trabalhadores agrícolas é cada vez mais urbana.” Não obstante a questão da organização social do trabalho, assim como a dinâmica habitacional e espacial tenham sido reestruturadas, devemos destacar que aspectos culturais e identitários foram afetados pela urbanização. Os vínculos sociais foram remodelados e as mobilidades propiciaram deslocamentos.

O deslocamento fomentado pela urbanização resultou no Censo de 1970, que constatou que “um índice de quase 1/3 de todos os brasileiros vivendo num lugar diferente daquele em que tinham nascido” (Oliveira, 2010, p. 66). Nesse cenário, o indivíduo anônimo busca autonomia para se localizar no novo tempo e espaço, em um ambiente urbano. É nesse contexto urbano que a individualização e a desinstitucionalização se tornam mais latentes e recorrentes, especialmente em centros urbanizados (Fernandes, 2018) e nas periferias (Camurça, 2017). Isso porque há uma nova dinâmica de vida assumida e vivenciada pelo indivíduo que busca se localizar e situar no espaço frenético,

na concretude da urbanidade. A urbanização do Brasil é a maior da região, com perspectiva de tendência de crescimento urbano até 2050.

**Gráfico 2 – Porcentagem anual da população que reside nas áreas urbanas (1950-2050)**



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da ONU (2018).

A tendência à urbanização no Brasil, de acordo com as projeções da ONU, deve avançar até 2050, alinhada com a tendência mundial que é de urbanização. Isso quer dizer que a urbanização é um fenômeno que dialogará com outros fenômenos de maneira continuada e se mostrará como um aspecto da sociedade presente nos modos de viver, de pensar, de agir e interagir. Por isso, nós apontamos a urbanização como fenômeno dialógico com outros fenômenos modernos e contemporâneos que pululam na sociedade e reverbera no modo de viver, de pensar e de agir das pessoas.

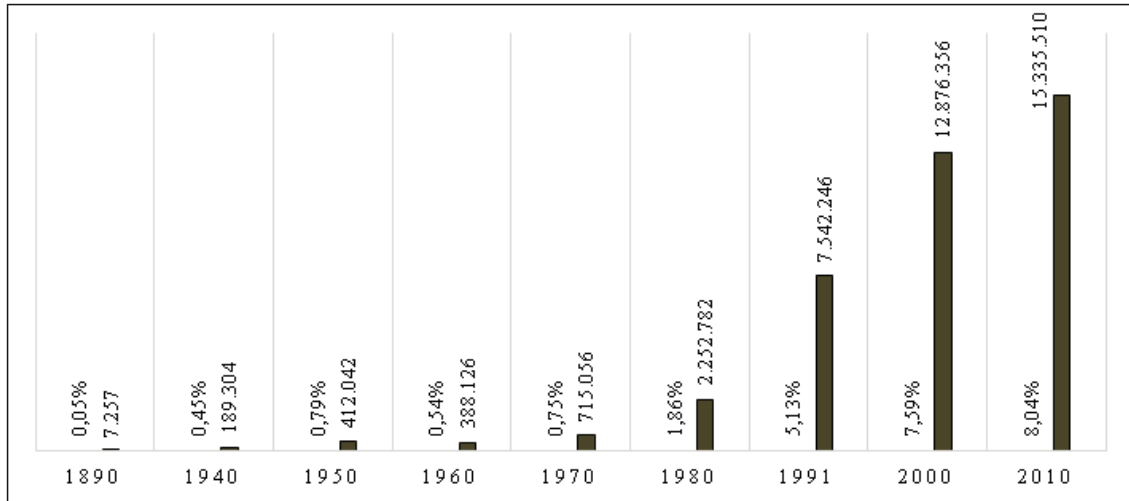
A relação entre Igreja e o modo de vida rural está enraizada desde a colonização (Leers, 1977). Entretanto, a tendência urbana da sociedade brasileira e seu impacto no cenário religioso são um aspecto consignado e reconhecido expressamente nas *Diretrizes de Evangelização de 2019-2023* da Igreja Católica, por meio da CNBB. A estratégia territorial rural do Brasil, sobre a qual o catolicismo se estruturou, foi alterada (Rosendahl, 2005), deslocada e realocada na dinâmica urbana (Ritz, 2023).

Os efeitos da urbanização, além de propiciar um novo espaço urbano, alcançam também o ambiente rural, fomentando uma nova dinâmica social, cultural e religiosa, porque o espaço é componente formador de memória (Halbwachs, 2006). Então, a relação indivíduo-tradição também foi alterada no campo (Ritz, 2023). Na medida em que a memória agrupa o espaço, o tempo, a afetividade e o indivíduo, o espaço é o elemento mais estável da composição. Contudo, a mobilidade suscitada pela urbanização gerou recomposição da memória (Halbwachs, 2006). Por isso, a alteração do espaço fomenta a recomposição da memória.

Em 1980, o percentual de sem religião, de acordo com o censo, era de 1,86%, e no Censo de 1991 subiu para 5,13%, aumentando em 2000 para 7,59% e, em 2010, alcançando 8,04%. As décadas de avanço da urbanização coincidem com as décadas de crescimento dos sem religião no Brasil: basta verificar a relação mencionada sobretudo

nas décadas de 1980 e 1990, pois foram importantes na movimentação espacial e no campo religioso brasileiro, como demonstra o gráfico a seguir.

**Gráfico 3 – Sem religião (% e n. absolutos) no Censo do Brasil (1890-2010)**



Fonte: Elaborado pela autora a partir do Censo 2010.

A relação entre espaço, indivíduo e religião é importante de ser considerada nas análises do fenômeno dos sem religião. Ademais, “a religião se expressa sob formas simbólicas que se desdobram e se aproximam no espaço: é somente assim que temos a certeza de que ela subsiste” (Halbwachs, 2006, p. 185). A urbanização tem o efeito de pulverizar as memórias religiosas porque multiplica as vivências no tempo e no espaço. No campo religioso, identificamos nas pessoas sem religião com crença a tendência a individualização da crença. As pessoas se afirmam capazes de gerir as próprias vidas e também as próprias crenças. Afinal, são pessoas que se afirmam autônomas. Portanto, a tradição, bem como a transmissão, estão sob o crivo da autonomia e da individualização inerentes à urbanização, e estes aspectos relativizam a continuidade da herança religiosa contida na tradição.

As discontinuidades das tradições religiosas são muito impactantes nas tradições firmadas pela força da tradição, porque as recomposições também podem promover discontinuidades, especialmente no hibridismo cultural (Canclini, 1989) que é latente em nossa sociedade. A urbanização patrocina essa recomposição porque há um câmbio, a continuidade é garantida pela afeição, não pela tradição. A ausência de afeição à tradição promove a erosão da tradição porque precariza a continuidade (Hervieu-Léger, 2015). Continuidade é pressuposto da tradição e também da memória.

Os dados da pesquisa de campo mostraram o pretérito religioso das mães, dos pais, das pessoas participantes e as respectivas memórias religiosas pregressas. Nós evidenciamos a ocorrência de trânsito religioso. O trânsito religioso (Almeida, Montero, 2001), em nossa perspectiva, se refere, sobretudo, ao deslocamento da identificação religiosa no espaço e no tempo, a partir da identificação religiosa assumida pelo indivíduo. Abordaremos os dados e análises do trânsito religioso dos ascendentes e das pessoas sem religião em outro estudo.

Como a informação sobre o pretérito religioso dos ascendentes foi fornecido pelos participantes sem religião e a informação nem sempre foi precisa, podemos estimar, mas não afirmar que, em relação aos ascendentes, ao menos 71% têm, na composição da memória religiosa, o catolicismo, e essa é parte da herança religiosa transmitida porquanto foi uma identificação religiosa proferida. As mães foram as que mais realizaram trânsito religioso (35%). A maioria era católica e, quando realizou o trânsito religioso, tornou-se evangélica. O perfil dos evangélicos, conforme Censo 2010, aglutina um alto percentual de pessoas que se declaram do gênero feminino. Almeida e Montero (2001) sinalizavam em seus estudos que as mulheres realizavam mais trânsito religioso.

*Em geral, a religiosidade é mais confessada pelas mulheres. Logo, em alguma medida, a distinção de gênero afeta o processo de secularização. [...] De acordo com as características sociodemográficas, o universo feminino tem um nível de filiação maior do que o dos homens, mas isto não significa que as mulheres mantenham a religião herdada; ao contrário, são elas as que mais mudam e, na maior parte das vezes, sempre direcionadas para outras religiões (Almeida; Montero, 2001, p. 96, grifos nossos).*

Ao menos em relação aos nossos dados e também pela citação de Almeida e Montero (2001), são as mulheres aquelas que mais alteram a identificação religiosa, ou seja, mudam a herança religiosa herdada pela tradição. Não significa apenas que há um latente processo de desinstitucionalização entre as mulheres, mas de destradicionalização (Teixeira, 2019), porque não se trata unicamente de emancipação em relação à instituição, mas também em relação à tradição. Por extrapolar o escopo deste estudo, não avançamos nessa abordagem, mas consignamos a relação entre gênero e religião.

As mobilidades e os deslocamentos socioantropológicos favorecidos pela urbanização foram contributos importantes para remodelações de vínculos sociais e o campo religioso também foi dinamizado. Em nossa pesquisa de campo, a maioria das pessoas sem religião com crença 71% realizaram trânsito religioso e a maioria das pessoas sem religião com crença da nossa pesquisa é composta por mulheres: 76%.

Outrossim, ainda na relação gênero e secularização ponderada por Almeida e Montero (2001), embora a nossa pesquisa de campo não seja probabilística, pontuamos a concentração de mulheres no grupo de sem religião com crença, além da predominância entre as mães na referida identificação sem religião. A ascendente do sem religião com crença (ASRC) IX é foi identificada como “sem religião”, não havendo histórico de trânsito religioso mencionado pelo participante.

Essa informação é relevante também, pois incide na transmissão que comumente é feita pelas mães, ou ainda, pelas mulheres. A identidade religiosa no contexto urbano mostra-se mais suscetível à reconfiguração, e o nosso escopo de pesquisa mostra que a reconfiguração resultou na desinstitucionalização e na individualização da crença como atributos da identificação religiosa sem religião com crença. Como nenhuma tradição se consolida e se pereniza sem a efetividade da transmissão, indícios de fragilização na transmissão suscitam apuros à tradição, quer seja na pulverização de vivências religiosas, quer seja pelas novas vivências que são justapostas, como também na reconfiguração da tradição pela incorporação de novos códigos de sentido, os quais fragilizam a ideia simbólica da tradição enquanto memória pautada na continuidade.

As pessoas sem religião com crença são destacadas pela idade jovem, uma geração urbana cujos impactos do ambiente urbanos são mais acentuados. As mudanças nos indivíduos repercutem nas instituições, as quais são confrontadas não apenas em seus preceitos estruturais, mas em seu significado simbólico (Berger, Luckmann, 2012). A pertença religiosa não é mais uma herança inequívoca, uma tradição recebida e aderida. Ao contrário, torna-se escolha pessoal, por isso a força da tradição é relativizada, a adesão aos bens simbólicos religiosos é individualizada. A desregulação das crenças pela instituição em razão da individualização das crenças está atrelada à crise de identidade religiosa que decorre da recomposição das identidades e memórias recompostas. No campo religioso, sobretudo nas pessoas sem religião com crença, um dos efeitos percebidos na mobilidade urbana é o processo de individualização e desinstitucionalização como indicativos de deslocamentos da instituição para o indivíduo, contexto que situa a secularização urbana.

Destarte, mesmo quando a escolha pessoal é permanecer na tradição religiosa transmitida pela família, a afeição pessoal é considerada para a permanência; caso contrário, a regulação pelo indivíduo pode resultar na mudança de identificação religiosa, como verificado em nossa pesquisa de campo. Ademais, a desinstitucionalização religiosa manifesta na identificação religiosa sem religião é relacionada ao próprio sentido da religião para os sem religião com crença. Conforme demonstrado em nosso estudo, para as pessoas sem religião com crença, religião é instituição (Ritz, 2023). Ausência de religião equivale à ausência de vinculação à instituição religiosa.

A nossa hipótese de alteração da memória em razão da alteração do espaço foi confirmada majoritariamente pelas pessoas sem religião com crença – 71%, mesmo que a mudança de espaço tenha sido temporária, em razão de visita ou viagem. A título exemplificativo, se considerarmos os agnósticos, essa confirmação positiva aumenta para 83%. Os ateus também confirmam positivamente a nossa hipótese – 75%. Ou seja, a nossa suposição é confirmada nos participantes que representam o fenômeno dos sem religião. A alteração de espaço proporciona majoritariamente a recomposição da memória religiosa nas pessoas sem religião, quer sejam os descrentes agnósticos e ateus, quer sejam os sem religião com crença. Estamos tratando de pessoas sem religião que residem em ambiente urbano, sendo inevitáveis o conhecimento e a experiência da individualidade e respectivo reflexo no comportamento cálido (Simmel, 1967) e na memória recomposta (Halbwachs, 2006).

Ao indagar sobre a mudança do campo para a cidade urbanizada como fator que favorece ou possibilita maior mudança de religião, e até mesmo que favorece uma pessoa no sentido de deixar de ter religião, verificamos que, entre as pessoas sem religião com crença, 88% afirmaram que “sim”; 6% “não souberam dizer” e 6% afirmaram “não perceber” tal impacto ou relação. São pessoas urbanas, sem religião com crença, falando da própria experiência de ausência da religião e impacto da urbanização no fenômeno.

Logo, não apenas a modernidade como também a estruturação urbana colaboram para que as percepções dos indivíduos em relação às instituições se alterem. Os espaços, as construções, as relações, as identidades se dinamizam (Dubar, 2006) e se dispersam no esteio das memórias de um indivíduo urbano. Nossas análises indicam que o



fenômeno religioso dos sem religião com crença da contemporaneidade é marcado pela urbanidade, juventude e individualidade.

Essas são características notadas na paisagem religiosa, que se mostra como horizonte em construção e reconstrução. A transmissão é um dado importante quando tratamos de memórias (Hervieu-Léger 2005a; 2005b) e herança religiosa, porque é o fio de prospecção de continuidade Hervieu-Léger (2015). Sendo assim, verificamos, por meio das memórias compartilhadas pelas pessoas sem religião com crença, fatos rememoráveis da transmissão que se configurou em herança religiosa e observamos precarização e recomposição da memória religiosa.

### **A precarização da transmissão e a recomposição da memória nas pessoas sem religião com crença**

O fenômeno dos sem religião no Brasil ainda carece de estudos, sobretudo para a ampliação dos dados qualitativos e quantitativos, o que propiciará melhor aproximação e compreensão (Ritz, Senra, 2022). Nessa tarefa, Flávio Senra corretamente nos orienta a “ouvir as pessoas sem religião” (Senra, Ritz, Ecco, 2022). As pessoas sem religião com crença são aquelas que, em nossa pesquisa de campo, se identificaram pessoalmente como “eu sou sem religião, mas tenho crenças religiosas”; são representadas pela juventude urbana e universitária da PUC Minas, cuja idade média foi de 24 anos, menor que a média da totalidade dos participantes, que foi de 26 anos.

A maioria das pessoas sem religião com crença da nossa pesquisa de campo se auto-declara do gênero feminino – 76%, sendo 24% do gênero masculino. A autodeclaração de cor de pele/raça indica maioria de pardos(as) – 41%, seguida por brancos(as) – 35% e negros(as) – 24%. O estado civil predominante é de solteiros – 94%, seguido por união estável – 6%. Não possuem filhos/as. A ocupação predominante é estudante; a maioria – 41% – tem renda média familiar entre 1 e 3 salários mínimos (valor do salário mínimo na época: R\$ 1.045,00); de 4 a 6 salários mínimos, 35%, e acima de 11 salários mínimos, 23,5%, com média de 4 moradores na residência.

O dado econômico predominante indica que, majoritariamente, são indivíduos das classes sociais C e D, conforme tabela do IBGE (2017). Quanto ao local da moradia, 59% são residentes na capital mineira, Belo Horizonte, enquanto 35% residem na região metropolitana de Belo Horizonte e na capital Manaus – 6%, o que demonstra o perfil urbano.

Analisando o aspecto identitário (Hall, 2019; Dubar, 2006), notamos que, na juventude urbana sem religião com crença, a relação identitária com o tempo e o espaço é caracterizada pelo contexto de modernidades múltiplas (Eisenstadt, 1996). A urbanização oportuniza sobremodo o diálogo entre as culturas híbridas (Canclini, 1989), propiciando as sucessivas reconfigurações identitárias. As dinâmicas de reconfiguração identitária incluem a identificação religiosa que se mostra conexas ao contexto de remodelação dos vínculos sociais, os quais incluem os sem religião. Essa dinâmica de reconfigurações e remodelações favorece a recomposição da memória religiosa (Halbwachs, 2006).

Verificamos que, até mesmo em momentos livres, as preferências de lazer são aquelas resultantes da afeição do indivíduo, sendo as artes (Canudo, 1995) significativamente figuradas entre as preferências, contudo a religião não é mencionada. Isso é, há uma predileção pelas atividades relacionadas com a arte<sup>5</sup> e ausência da religião dentre as preferências citadas<sup>6</sup>. Para as pessoas sem religião com crença, no aspecto da religião, apenas 6% consideram que o catolicismo representa a identidade brasileira, enquanto a pluralidade religiosa foi lembrada por 41%. Essa é uma constatação de recomposição da memória significativa porque, para 69%, há uma desassociação entre a identidade do povo brasileiro e religião. Não obstante, historicamente o catolicismo esteve presente na composição da memória e na estruturação cultural do Brasil desde a colonização (Ritz, 2023).

As maiores representatividades da identidade brasileira, na opinião dos sem religião com crença, foram as paisagens naturais e a geografia do país – 88%; a pluralidade étnica – 88% e o povo brasileiro; as comidas – 65%, as festas típicas; a arte brasileira – 53%. Novamente, a arte é destacada nas representações identitárias na perspectiva dos jovens urbanos sem religião com crença. Os aspectos mais mencionados como representativos da identidade brasileira apontam para os indivíduos enquanto agentes, em detrimento das instituições. Conforme a análise dos dados, é possível notar o processo de individualização, desinstitucionalização e de fragilização da herança religiosa.

No mesmo sentido, indagamos acerca da percepção das pessoas sem religião sobre o ensino religioso nas escolas e universidades. Isso para verificar a relação entre religião e educação para as pessoas sem religião com crença. A maioria acredita que “sim”, é benéfico. Para 80%, o conhecimento favorece a tolerância e respeito ao direito de crer e não crer. As ressalvas realizadas pelos participantes sem religião com crença são no sentido de distorção do objetivo, no intuito de evangelização e conversão. A temática religião na educação é oportuna para as pessoas sem religião quando fomenta o diálogo e a tolerância, mas inoportuna quando almeja a transmissão religiosa ou a conversão. Por isso, entendemos que a nomenclatura Ensino Religioso parece menos adequada que Estudo das Religiões, por exemplo, porque previne distorções de finalidade. A opinião majoritária das pessoas sem religião com crença reforça a escolha da religião pelo indivíduo e não pela transmissão no ambiente escolar, enquanto espaço formador de memória.

Percebemos que o processo de secularização, que se mostra em nossa compreensão e estudo, não se refere à ausência da religião na sociedade, mas à movimentação no campo religioso e do indivíduo neste campo. Outrossim, notamos nas remodelações e movimentações múltiplas o que se insere nos espaços, nas instituições e principalmente, nas identidades e memórias dos sem religião com crença. Na verificação do fio da memória (Hervieu-Léger, 2015) da herança religiosa herdada, indagamos: “considerando

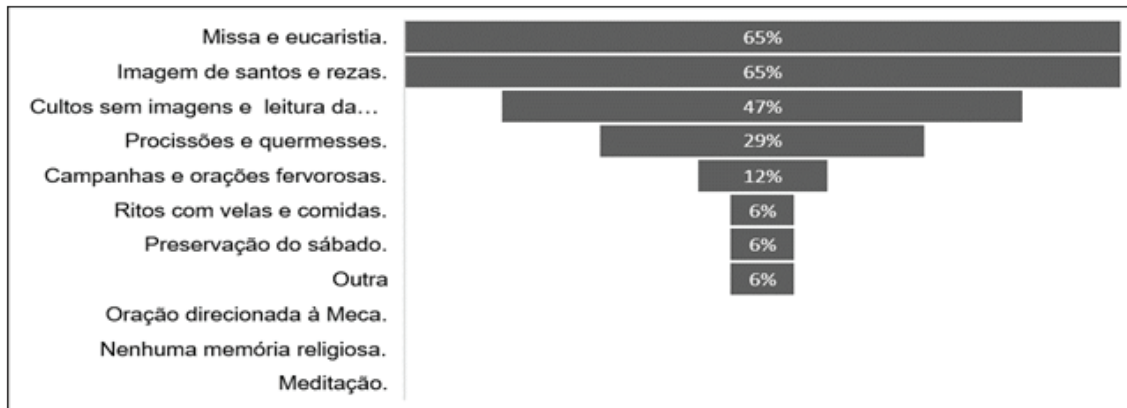
---

5 Sobre a relação entre a arte por meio do gênero musical rock e espiritualidade não religiosa, ver Rodrigues, 2023.

6 Detalhamentos sobre os traços identitários das pessoas sem religião e suas preferências em momentos de lazer são trabalhados no artigo em fase de publicação: *Agnósticos, ateus e sem religião com crença: a ausência da religião e a predileção pela arte como traços identitários*. Veja: Ritz, 2023.

sua infância e adolescência, quando o assunto é religião, quais as situações são parte da sua memória?”. O gráfico a seguir indica as respostas.

**Gráfico 4 – As memórias religiosas da infância dos sem religião com crença**



Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa de campo (2020).

A opção “outra” foi assinalada por uma pessoa sem religião, que optou por não especificar a memória. A “ausência de memória” não foi assinalada, isto é, há memória religiosa, portanto, é plausível falar de herança religiosa nas pessoas sem religião com crença. A constelação de memórias religiosas que integram a herança religiosa das pessoas sem religião com crença aponta para a lembrança da “missa e eucaristia” (65%), “imagens de santos e rezas” (65%), bem como “procissões e quermesses” (29%), “cultos sem imagens e com leitura da Bíblia” (47%).

A verificação da transmissão e da prática religiosa dos ascendentes constatou que as três alternativas mais assinaladas pelas pessoas sem religião com crença foram: 59%, “frequentávamos o local das reuniões formais religiosas (ex.: igreja, centro, mesquita, etc.)”, 41%, “meus pais (responsáveis) me ensinavam sobre a religião deles, porque aquela deveria ser também a minha religião”; e 41%, “fiz catecismo, primeira comunhão, etc.”. Há um aspecto em comum: a religião e sua vivência mormente em perspectiva institucional. Além disso, a maioria afirma ter feito catecismo, então são indivíduos que possuem alguma herança católica. Sendo assim, a desinstitucionalização manifesta nos sem religião com crença é o afastamento do contato compreensivo e institucionalizado desses indivíduos da religião. Dizemos compreensivo porque o batismo católico, comumente, é realizado por decisão dos ascendentes e direcionado aos bebês.

A desinstitucionalização assumida por esses indivíduos indica, portanto, a fragilização da herança religiosa outrora transmitida, quando do não rompimento para com a herança religiosa da família. A relativização não é apenas da religião em seu sentido simbólico, mas do entrelaçamento entre família e religião expresso na tradição que compõe a herança familiar, isto é, fragilização da relação dos indivíduos para com as instituições – Igreja e família. Pedro Ribeiro de Oliveira (2012) aduz:

A família é, sem dúvida, a instituição que mais se deixa afetar pela religião, pelo menos no caso do catolicismo. [...] esgarçamento nos laços que, até meados do século passado, uniram família e catolicismo, marcando a própria estrutura da sociedade

brasileira em geral – e da mineira em particular. Apesar de sua importância, a família não é o único grupo capaz de favorecer a pertença à Igreja ao recobrir a adesão pela crença com a adesão por laços sociais. Se os grupos favorecem a pertença, sua ausência é, certamente, fator de desafeição religiosa (Oliveira, 2012, p. 1247-1248).

Embora reconheça a família como grupo que transmite a tradição, outros grupos são lembrados no desempenho da mesma tarefa. No entanto, são prioritariamente as mulheres, mães, avós e tias que configuram o cerne da transmissão, sobretudo a transmissão religiosa. Mas, pais e avós também contribuem. Ao serem questionados se alguém os influenciou religiosamente a resposta da maioria foi afirmativa e alguns citaram os entes especificamente.

SRC XIII: Sim, mãe, parentes paternos e avó materna.

SRC XIV: Minha mãe me influenciou. Percebi com ela que não é necessário ter religião para ser uma pessoa ética.

SRC XV: Minha família, principalmente minhas tias, eram muito religiosas, no caso, católicas.

SRC XVII: Na infância e na adolescência, fui influenciado por meus pais.

João Manuel Duque (2021) trata do papel desempenhado pelas avós e pelos avôs na transmissão da fé. Isso porque as avós e os avôs “estendem para o passado o horizonte de sentido que damos ao nosso mundo presente, estendem um tempo que já não conhecemos, trazendo a tradição” (Duque, 2021, p. 139). Lembramos também, que em não raras circunstâncias, as avós e avôs cuidam das netas/os, enquanto as mães e pais trabalham fora de casa, mostrando a perspicácia da afirmativa de Duque, como a pessoas SRC IX citada acima.

Grupos de jovens religiosos, por exemplo, também podem contribuir na transmissão, afinal, eles se valem de laços sociais para criar vínculos afetivos e religiosos. As remodelações sociais que priorizam a individualização em detrimento da coletividade fragilizam os vínculos sociais e repercutem nos vínculos afetivos e religiosos. Ademais, os vínculos religiosos eram tradicionalmente vivenciados por meio de comunidades religiosas. Essas comunidades religiosas, as instituições, eram também importantes na transmissão. Não se trata de concorrência na transmissão, mas de complementariedade, o que não significa arremate. Destarte, temos sugestivos indícios de individualização das crenças e a desinstitucionalização nas pessoas sem religião com crença.

Afinal, o fomento da participação dos atuais sem religião com crença em grupos religiosos como meio de fortalecer laços de afeição religiosa não se constatou frequente. Apenas 18% afirmaram que, “além de frequentar as reuniões formais, participávamos de trabalhos sociais e grupos vinculados à nossa religião.” Na perspectiva aduzida por Oliveira (2012), com a qual concordamos, esse seria outro elemento favorecedor da fragilização da herança religiosa via “desafeição”, na relação com o sentimento de pertencimento (Oliveira, 2012, p. 1247). Nossa compreensão de pertencimento é o sentimento de se sentir parte de um grupo, isto é, sentimento do indivíduo para com o grupo. Em contraponto, a desafeição é o sentimento de desprazer que resulta no

afastamento do grupo religioso. Se a religião não estabelece afeição, não fomenta o anseio de transmissão, mormente entre jovens urbanos, autônomos e com inclinação pela individualização. A resultante é a desinstitucionalização religiosa.

A liberdade de escolha da religião pela própria pessoa, além de recusa na transmissão, como expressões da autonomia do indivíduo, revela o traço identitário de individualização da crença e desinstitucionalização. A nossa hipótese se confirma: há fragilização da herança religiosa que é corroborada pelo processo de urbanização, e as pessoas sem religião com crença no Brasil parecem ressoar a transição entre a geração da tradição para a geração da afeição, da desinstitucionalização para a individualização e autonomia. Não obstante, esse é um processo de fragilização que não demonstra encerramento, mas sugere um processo de erosão que poderá resultar em novas recomposições da memória religiosa.

As crenças que, conservadas nas pessoas sem religião com crença, são conteúdos simbólicos que alcançam a subjetividade e conseguem a afeição dos indivíduos, ao ser justapostas ou sobrepostas formam as bricolagens de crença, e produzem recomposições das crenças e da memória religiosa. Neste texto, as bricolagens mencionadas são decorrentes da relação entre indivíduos, tempo, espaço e afeição, que resulta em crenças porque é destes entrelaçamentos de fontes que emanam a religião, e estas fontes são pluralizadas pela urbanização (Simmel, 2009).

A dinâmica urbana pluraliza as relações na proximidade física, mas também as pulveriza nas distâncias emocionais que acentuam a solidão (Simmel, 1967), os distanciamentos emocionais e as individualizações afetivas. A utopia de liberdade concorre com o anonimato na multidão urbana e fomenta a reafirmação da individualização. A fragilização das sociabilidades outrora tecidas não se dá apenas no espaço urbano secular, mas também no cerne e no sentido de comunidade que se realizam no espaço das instituições religiosas. Alfredo Teixeira, ao abordar as remodelações dos vínculos sociais das pessoas sem religião numa conferência, interpelou: “Igreja para quê?” (Teixeira, 2022)<sup>7</sup>. A partir do nosso estudo, a nossa hipótese é de que uma resposta possível seria: a Igreja sou eu.

### **Indícios de fragilização da herança religiosa nas pessoas sem religião com crença**

A análise dos dados mostra que as pessoas sem religião com crença possuem memórias religiosas as quais são mormente correlatas aos ascendentes e à herança religiosa transmitida, embora fragilizada, com maior frequência da tradição católica, ainda que o espiritismo e a tradição evangélica sejam mencionados com alguma frequência. Não faremos a análise da eficácia da transmissão da tradição pela instituição, ou a eficácia da transmissão e sua capacidade de gerar pertencimento nos indivíduos, bem como

---

<sup>7</sup> Conferência realizada no X Colóquio do Grupo de Pesquisa Religião e cultura da PUC Minas, no período de 07 a 11 de novembro de 2022. A referida conferência está disponível no canal do YouTube do Programa do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas.

o sentido da busca (Ecco, Lemos, 2022), porque ela extrapola o nosso objetivo neste artigo. Contudo, pontuamos que os aspectos relativos à transmissão comentados nesse texto, associados à urbanização, favoreceram a fragilização da herança religiosa.

A análise dos dados apresentados sugere que houve um conflito de competências na transmissão da tradição. Se, por um lado, a instituição credita à família a aptidão para a transmissão da tradição, em contraponto, a família parece ter creditado à instituição a tarefa de transmissão. Riolando Azzi (1999) afirma que a instituição confia à família a catequese doméstica. Ocorre que a família delega à instituição a catequese institucional. Destarte, há vários relatos de pessoas sem religião com crença que afirmam ter realizado catecismo e que, atualmente, se identificam como sem religião com crença. Não obstante, cumpre mencionar que no contexto atual, urbano, globalizado e tecnológico, outros elementos compõem a equação que resulta o campo religioso que é plural.

É este ideal da participação religiosa que, hoje, se confronta com a mobilidade das pertencas, com a desterritorialização das comunidades, com a desregulação dos procedimentos da transmissão religiosa e com a individualização das formas de identificação. (Hervieu-Léger, 2015, p. 83-85).

A nossa pesquisa corrobora a explicação de Hervieu-Léger: há relativização e pluralização das práticas religiosas, há mobilidade de pertencas, a urbanização favoreceu a desterritorialização das comunidades e relações sociais outrora estruturadas também sob o esteio da tradição religiosa. A desregulação da transmissão foi evidenciada nos dados apresentados; quando não existentes, foram fragilizadas, resultando na individualização das crenças e na desinstitucionalização, evidenciadas nas pessoas sem religião com crença. Esse cenário não favorece a perenidade dos descendentes da fé ponderada por Hervieu-Léger (2015). Sendo assim, há o enfraquecimento do fio da memória, na medida em que a trama da memória religiosa deixa de envolver o indivíduo e, por conseguinte, não há descendentes de fé, ou seja, fragilização da herança religiosa.

Hervieu-Léger (2005a; 2005b) relaciona, assim como abordamos em nosso estudo, a tradição em relação com a memória coletiva. “Ao colocar a tradição, ou seja, a invocação de uma linhagem de crentes, no centro da questão, o futuro da religião é imediatamente associado ao problema da memória coletiva” (Hervieu-Léger, 2005b, p. 201, tradução nossa). Isso porque a tradição religiosa é parte da memória coletiva: afinal, a memória individual usufrui da memória coletiva. Não é possível transmitir um conteúdo desconhecido. Tampouco, transmite-se uma tradição sem que esta resulte de sentido simbólico, de afeição, porque é possível que seja esquecida ou preterida.

Renato Ortiz aduz assertivamente sobre a relação entre religião, memória e identidade: “Toda religião é, portanto, um lugar de memória e de identidade” (Ortiz, 2000, p. 91). A partir da leitura dessa citação, condensamos na relação instituição, coletividade e indivíduo. O dinamismo da modernidade pluraliza as relações e, respectivamente, estes três elementos: instituição religião, memória coletiva e identidade do indivíduo. Paulo Barrera Rivera aduz: “A pluralidade de jogos de memória reproduz a pluralidade de pertencas que definem cada indivíduo na sociedade” (Rivera, 2001, p. 78). A modernidade não esvaziou a importância da religião, ela a pluralizou. Ortiz (2000) considera que “a sociedade moderna, na sua estrutura, é ‘multireligiosa’” (Ortiz,

2000, p. 86). Logo, somos provocados/as a pensar sobre a pluralização das memórias religiosas, dados apresentados e analisados no Gráfico 4 – “As memórias religiosas da infância dos sem religião com crença.”

Ao refletir sobre as memórias dos indivíduos, atinamos que há sem religião com crença cuja memória religiosa compartilhada é unicamente católica, alguns com memórias próprias do catolicismo institucional, outros com traços de catolicismo popular ou, ainda, a mescla de ambos, sendo preponderante as memórias que remetem ao catolicismo. Em se tratando de pessoas sem religião com crença, estes indivíduos mostram uma herança religiosa fragilizada, especialmente a herança religiosa católica. Por isso, para refletir sobre o fenômeno dos sem religião, estudamos a história da igreja católica no Brasil, considerando a colonização e o processo de evangelização que associou a dinâmica colonial com as missões numa perspectiva teológica lusitana, porque é inerente à herança religiosa e à memória brasileira.

Para verificar a relação entre a herança religiosa recebida, a memória religiosa e as crenças, indagamos as pessoas sem religião com crença sobre a relação entre as memórias religiosas narradas e as crenças atuais. Constatou-se que 88% das pessoas sem religião com crença as consideram apenas como “lembranças do passado”, enquanto somente 12% “em parte representam minhas crenças atuais”. Citamos duas respostas bastante elucidativas.

SRC III: Apenas lembranças, pois atualmente frequento diversos meios religiosos, pois acredito que o amor de Deus é a verdadeira religião, e, qualquer ambiente que me aproxime disso, o de ser alguém melhor, é válido.

SRC XI: São lembranças do passado, não representa minha crença atual. (Pesquisa de campo, 2020).

Os demais 12% ponderaram que “em parte representam minhas crenças atuais”. Isto é, parcialmente, ou seja, há fragilização na herança religiosa. São afirmativas que evidenciam a fragilização da herança religiosa e a recomposição da memória. Além de reafirmar a presença de crença religiosa, mesmo na afirmativa de ausência da religião. A expectativa de continuidade na transmissão religiosa para a geração futura, isto é, dos atuais jovens sem religião com crença para os seus descendentes, sabendo que a totalidade não tem filhos/as, foi sugestiva de descontinuidade do fio da memória (Hervieu-Léger, 2015). Verificamos, na pesquisa de campo, a disposição das pessoas sem religião com crença em transmitir religião aos seus futuros descendentes e verificamos a recusa de alguns na transmissão, como pode ser visto nas respostas dissertativas transcritas abaixo.

SRC I Não ensinaria, deixaria eles tomarem o caminho que quisessem.

SRC IV Não, pois acredito que no momento certo, eles irão decidir qual o melhor caminho.

SRC XIII Não, como eu disse não sou uma pessoa religiosa, eu tento exercer minha espiritualidade, então, provavelmente, se um dia tiver filhos, vou deixar que sejam livres para experienciar diferentes religiões se quiserem.

SRC XIV Não. Não tenho o que ensinar, e se tivesse não o faria. Acho justo que o indivíduo, quando possível, escolha seu próprio caminho.

SRC XV Não. Mostraria para ele várias tradições. Ele escolhe.

SRC XVII Não ensinaria como uma doutrina a ser seguida. Poderíamos conversar sobre a minha posição, mas sempre em uma postura de liberdade de fé.

“De modo geral, a transmissão regular das instituições e dos valores de uma geração a outra é, para toda a sociedade, a condição de sua sobrevivência no tempo” (Hervieu-Léger, 2015, p. 57). Evidenciamos que as pessoas sem religião com crença não convalidam a relação entre as crenças atuais e as memórias religiosas da infância, do mesmo modo que não se comprometem com a transmissão da tradição, da religião. As crenças atuais, portanto, resultam das escolhas pessoais realizadas pelas próprias pessoas sem religião com crença, num processo de individualização da crença e desinstitucionalização que mostram a fragilização da herança religiosa. A não relação entre as memórias religiosas e as crenças atuais indicam a fragilização na herança religiosa, porque a transmissão objetiva a continuidade da tradição e não se tornar apenas uma lembrança.

Essencialmente mutável e evolutiva, a memória coletiva funciona como uma instância de regulação da memória individual, dependendo das circunstâncias do presente. Inclusive, substitui a dita memória individual cada vez que ultrapassa a memória de um determinado grupo e a experiência vivida por aqueles para os quais constitui a referência. Essa memória cultural, muito maior do que a memória de um determinado grupo, incorpora, ao reativá-las e refazê-las constantemente, as correntes de pensamento que sobreviveram às experiências passadas e que se atualizam de uma nova forma nas experiências do presente. (Hervieu-Léger, 2005b, p. 203, tradução nossa).

A memória é recomposta porque depende do momento presente. Logo, se a memória coletiva é recomposta, a regulação sobre a memória individual, conseqüentemente, se modificará. A desvinculação de Deus com a instituição é outro ponto a ser destacado e foi mencionado pela pessoa SRC III: “frequente diversos meios religiosos, pois acredito que o amor de Deus é a verdadeira religião [...]”. Logo, não é o sentido simbólico e as crenças que são confrontadas primeiramente, mas a instituição. Nas pessoas sem religião com crença da nossa pesquisa, a desinstitucionalização e a individualização são traços identitários que se arvoram sobre a força da tradição, mostrando evidente fragilização da herança religiosa, o que reverbera na recomposição da memória religiosa, especialmente nos ambientes urbanos, espaço de maior concentração de pessoas sem religião no Brasil.

### Considerações finais

Abordamos o processo de urbanização no Brasil e destacamos o avanço ocorrido nas décadas finais do século XX com projeção de expansão até 2050, conforme dados da ONU. Outrossim, demonstramos que o crescimento do fenômeno dos sem religião no Brasil também remonta às décadas de 1980 e 1990, avançando para o século XXI. A urbanização é um fator ensejador de deslocamento espacial e de recomposição da memória, porque o espaço é o aspecto mais estável da memória. Dentro desse contexto urbano, novas dinâmicas identitárias são assumidas pelos indivíduos, que se posicionam em um tempo e espaço distinto daquele que era marcado pela força da tradição e da religião, ou seja, o ambiente rural.



Logo, o ambiente rural também passa por mudanças. As mencionadas mobilidades promoveram, e ainda promovem, deslocamentos socioantropológicos significativos, e a religião é posta sob o crivo do indivíduo autônomo e anônimo no ambiente urbano. Esses são alguns fatores propiciados pela urbanização, os quais fomentaram a fragilização da herança religiosa. Por isso, abordamos a urbanização como um contributo importante no processo de fragilização da herança religiosa.

A urbanização é posta pelas pessoas sem religião como um fenômeno que contribuiu para as movimentações no campo religioso, quer seja na mudança de religião como na opção de desinstitucionalização religiosa, ou seja, ausência da religião expressa na identificação sem religião. Aclaramos que, para as pessoas sem religião, a compreensão de religião significa instituição. A mudança temporária de localidades é posta como motivo para recomposição da memória religiosa, dado confirmado na pesquisa de campo.

Da mesma maneira, apontamos, a partir dos dados da pesquisa de campo, a precarização da transmissão da tradição aos participantes sem religião com crença. Além disso, evidenciamos o não comprometimento das pessoas sem religião com crença na transmissão da tradição, da religião aos seus descendentes. Pelo contrário: há manifesta discordância de transmissão, sendo privilegiado o discurso de liberdade de escolha da identificação religiosa, sendo ressaltada a individualização e a desinstitucionalização religiosa.

Verificamos a recomposição da memória religiosa; afinal, as memórias da infância e adolescência compartilhadas pelas pessoas sem religião com crença mostraram-se, sobretudo, católicas. Entretanto, a maioria não relaciona as memórias religiosas com as crenças atuais, evidenciando a fragilização da herança religiosa e respectiva recomposição da memória. As memórias religiosas são aduzidas como “apenas lembranças.” A reafirmação da identificação por escolha, ou seja, por afeição, e a gestão pela própria pessoa, indicam individualização da crença e desinstitucionalização latentes. Portanto, notamos indícios de fragilização da herança religiosa, sendo a urbanização um contributo importante para esta ocorrência.

## Referências

AUGÉ, Marc. *A guerra dos sonhos. Exercícios de etnoficação*. Oeiras: Celta, 1997.

ALMEIDA, Ronaldo de; MONTERO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. *Perspectiva* [online], São Paulo, v.15, n. 3, p. 92-100, 2001.

AZZI, Riolando. Os primórdios da catequese, arranjos do período colonial e imperial. In: PASSOS, Mauro (org.). *Uma história no plural: 500 anos de movimento catequético brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 15-32.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido. A orientação do homem moderno*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Os “Sem Religião” no Brasil: Juventude, Periferia, Indiferentismo Religioso e Trânsito entre Religiões Institucionalizadas*. Estudos de

Religião, v. 31, n. 3, 55-70, set.-dez. 2017.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad*. México: Grijalbo, 1989.

CANUDO, Ricciotto. *Manifeste des sept arts*. Paris: Séguier, 1995.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS NO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*. Documentos CNBB, São Paulo, n. 109. Aparecida: Edições CNBB, 2019.

CRESWELL, John. W.; PLANO CLARK, Vicki. L. *Designing and conducting mixed methods research*. 2nd. Los Angeles: SAGE Publications, 2011.

DUBAR, Claude. *A Crise das Identidades. A interpretação de uma mutação*. Porto: Afrontamento, 2006.

DUQUE, João Manuel. *No corpo do tempo: teologia breve I*. Braga: Frente e Verso, 2021.

ECCO, Clovis; LEMOS, Carolina Teles. Os crentes sem religião e a busca de sentido. *CAMINHOS*, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 335-353, 2022.

EISENSTADT, Shmuel Noah. *Múltiplas modernidades na era da globalização*. Lisboa: GEPOLIS, 1996.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. *Sem religião e identidades religiosas: notas para uma tipologia*. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/326882246\\_Sem\\_religiao\\_e\\_identidades\\_religiosas\\_-\\_notas\\_para\\_uma\\_tipologia](https://www.researchgate.net/publication/326882246_Sem_religiao_e_identidades_religiosas_-_notas_para_uma_tipologia) Acesso em 14 nov. 2023.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Catolicismo: a configuração da memória*. Tradução de Maria Ruth de Souza Alves. *REVER – Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 2, ano 5, p. 2-11, 2005a.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *La religión, hilo de memoria*. Tradução de Matte Solana. Barcelona: Herder, 2005b.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Tradução de João Batista Kreuch. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo Religioso 2010*. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 abr. 2020.

- LEERS, Bernardino. *Catolicismo popular e mundo rural: um ensaio pastoral*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro. *Pertença/desafeição religiosa: recuperando um antigo conceito para entender o catolicismo hoje*. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1230- 1254, out./dez. 2012.
- ORTIZ, Renato. *Identidades no contexto da globalização*. Entrevista de Roseli Fígaro. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, [18], p. 68-80, maio/ago. 2000.
- RITZ, Claudia Danielle de Andrade. *Eu sou sem religião com crença: a fragilização da herança religiosa e a conservação da crença como elo de memória*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.
- RITZ, Claudia Danielle de Andrade; SENRA, Flávio. *Pessoas sem religião com crenças: considerações sobre o fenômeno religioso dos sem religião*. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 316-334, 2022.
- RIVERA, Paulo Barrera. *Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do protestantismo contemporâneo na América Latina*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.
- RODRIGUES, Flávio Lages. *O rock e a espiritualidade não religiosa: estudo sobre os rituais, sociabilidades e cosmovisão de roqueiros e roqueiras sem religião em Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.
- ROSENDAHL, Zeny. *Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião*. In: *ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA*, 10., 20-26 mar. 2005, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.pdf>. Acesso em: 8 out. 2020.
- SENRA, RITZ, ECCO. *Entrevista concedida por Flávio Senra a Claudia Ritz e Clóvis Ecco sobre o fenômeno dos sem religião*. *CAMINHOS*, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 545-556, 2022.
- SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SIMMEL, Georg. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- TEIXEIRA, Alfredo. *Não sabemos já donde e luz mana: ensaios sobre as identidades religiosas*. Lisboa: Paulinas, 2004.

TEIXEIRA, Alfredo. *Religião na sociedade portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2019.

VIEIRA, José Álvaro Campos. *Ensaio de espiritualidade não religiosa: estudo a partir de indivíduos sem religião em Belo Horizonte*. 2020. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

Recebido em: 28/06/2023

Aprovado em: 14/11/2023

Editor responsável: Fábio L. Stern